

HOMENAGEM

JORGE NAJJAR presente!

Professor Jorge Najjar PRESENTE!

★ 19/11/1959 † 19/08/2020



Jorge Nassim Vieira Najjar

Professor Doutor Titular da Universidade Federal Fluminense.
Grande professor, companheiro e guerreiro da educação brasileira!



Formação em Movimento, a revista da ANFOPE, presta merecida homenagem ao professor Jorge Nassim Vieira Najjar, publicizando alguns textos de amigos, colegas e orientandos, assim como notas de pesar de entidades nacionais e estaduais, sessões sindicais e da Universidade. Acreditamos que ele gostaria dessa singela homenagem, marcadamente pessoal, mas academicamente colocada.

Nesta homenagem, ao trazermos relatos pessoais, preservamos a memória do que significou conviver com esse EDUCADOR que articulava com maestria a militância política com a excelência acadêmica no ensino, na pesquisa e na extensão, temperando o rigor com a generosidade, a gestão com a gentileza, tornando os eventos, reuniões, bancas e as inúmeras e necessárias discussões e enfrentamentos mais leves. Sem perder a ternura debatia com firmeza e coerência as questões postas à educação nestes tempos tão sombrios.

Seu legado permanecerá para sempre, e não somente nos textos que publicou e nas marcantes contribuições na gestão acadêmica, em sua passagem sempre significativa por cursos, fóruns e entidades, mas principalmente pela contribuição na formação de centenas de estudantes e dezenas de orientandos que socializarão suas lições de amor e compromisso com a educação.

Amigos, colegas, estudantes e companheiros de docência e militância afirmamos: seu legado fica! A saudade também, amenizada pelas lembranças inesquecíveis de tantos momentos bons, conversas francas e, sempre que possível, um cafezinho.

Um lutador, até o fim, contra a doença que o vitimou e o tirou de nós, que o amávamos tanto, e que solidariamente nos cobrimos de pesar por sua perda. Um combatente em defesa da escola pública, da implementação de políticas de formação e valorização dos profissionais da educação, da gestão pública e democrática da educação, dos direitos humanos e sociais.

Jorge Najjar é um dos imprescindíveis na luta pela educação, pela democracia e pela vida.

Lucília Augusta Lino
Presidente da Anfope
Editora associada Formação em movimento

NOTA DE PESAR da ANFOPE, ANPAE E ANPED pela perda de JORGE NAJJAR

É com grande pesar que comunicamos o falecimento do professor Jorge Najjar, professor titular da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde foi Vice-diretor e Diretor da Faculdade de Educação e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação.

O Professor Jorge Nassim Vieira Najjar, reconhecido pela consistente formação, produção acadêmica significativa e trajetória acadêmico-científica consolidada, com excelência e distinção, no tripé ensino, pesquisa e extensão, demarcou sua atuação pelo efetivo engajamento nas lutas pela educação pública, democrática e qualidade social e pelo compromisso efetivo com as atividades na gestão acadêmico institucional.

Jorge Najjar era membro atuante das três entidades e ocupava, atualmente, a função de vice-presidente Sudeste da ANPAE e primeiro tesoureiro da ANFOPE. Foi coordenador local da 39ª Reunião Nacional da ANPED, realizada em 2019 na UFF em Niterói, tendo sido também pesquisador do GT 05 de Estado e Política Educacional. Além de sua atuação nas entidades nacionais, tinha forte presença na política educacional do estado do Rio de Janeiro, sendo conselheiro do Conselho Estadual de Educação e Membro do Fórum Estadual de Educação, onde integrou a coordenação colegiada, além de outros espaços de representação.

A ANFOPE, a ANPAE e a ANPED se solidarizam com a família, os inumeráveis amigos e colegas, e com seus estudantes e orientandos a quem Jorge Najjar dedicava especial atenção. Jorge era um militante na defesa da educação pública, de políticas educacionais inclusivas e da formação de professores socialmente referenciada, dos direitos humanos e sociais, da democracia e da vida. Além de intelectual orgânico, amigo ousado e corajoso, possuía inúmeras qualidades, sobretudo, amorosidade e leveza que produziram tanto encantamento. Sua morte é uma grande perda para a educação brasileira e seu legado nos anima a continuar na luta.

Estamos todos em luto!

ANFOPE - Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação

ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

ANPAE - Associação Nacional de Política e Administração da Educação

Homenagem a Jorge Najjar: amigo, intelectual orgânico e defensor da educação pública

Ao ser chamado para participar desta homenagem ao amigo Jorge Nassim Vieira Najjar, organizada pela Anfope, decidi publicizar o parecer que fiz por ocasião de sua banca para professor Titular da Universidade Federal Fluminense, em julho último. Jorge, além de intelectual orgânico cuja trajetória revelou a defesa intransigente da Universidade Pública e da indissociabilidade Ensino, Pesquisa e Extensão, foi responsável pela formação de várias gerações, sempre com rigor e compromisso, sem perder a amorosidade e a leveza que produziu tanto encantamento.

Parecer para fins de acesso da classe de Associado IV para a classe E (Professor Titular) da Carreira do Magistério Superior

Inicialmente, agradeço o convite e cumprimento os membros da Comissão, professores Dr. Giovanni Semeraro (UFF), Dra. Nilda Guimarães Alves (UERJ), Dra. Malvina Tania Tuttman (Unirio), Dra. Ana Maria Dantas Soares (UFRRJ), e, especialmente, o querido Professor Dr. Jorge Nassim Vieira Najjar. Como membro da Comissão (CEPEC/UFF nº 092/2020), autorizada, *ad referendum* (DECISÃO N.º 009/2020), com o objetivo de avaliar o docente Jorge Nassim Vieira Najjar (processo nº 23069.020311/2020-58), pertencente à Faculdade de Educação, por meio de videoconferência, para fins de acesso da Classe de Associado IV para a Classe E (Professor Titular) da Carreira do Magistério Superior, conforme dispõem a Lei n. 12.772, de 28 de dezembro de 2012, com as alterações contidas na Lei n. 12.863, de setembro de 2012, e as normas internas da Universidade Federal Fluminense (UFF), exaradas na Resolução do Conselho de Ensino e Pesquisa da UFF N.º 543/2014, e seu anexo, de 03 de dezembro de 2014, observada, ainda, a Instrução de Serviço CPD/PROGEPE N.º. 001/2015, de 15 de janeiro de 2015, que estabeleceu procedimentos complementares para o cumprimento da Resolução CEP nº 543/2014 de acesso à Classe E, com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, afirmo que o postulante atendeu, com distinção, a todos os critérios e requisitos requeridos pelo processo de progressão. Ressalto que a legislação é uma conquista da categoria docente e resulta de um importante momento da história do País, em que tivemos um Governo Democrático e Popular que acatou as demandas da categoria e incluiu a possibilidade de acesso ao cargo de Professor Titular na mesma Carreira.

O Professor Jorge Nassim Vieira Najjar atendeu aos requisitos das etapas do processo referentes à avaliação de desempenho acadêmico, por meio de excelente pontuação obtida e comprovada pelo docente. A segunda etapa consistiu na apresentação e defesa do memorial pelo docente. O memorial foi organizado em seções articuladas: Epígrafe, introdução, Primeira Parte: Formação, Chegando na escola, O Colégio de Aplicação da UERJ, a Faculdade de Ciências Sociais e a Especialização em Sociologia Urbana, trabalhando em instituições particulares de ensino superior, Mestrado em Educação, Doutorado em Educação; Segunda Parte: Professor da UFF, ingresso, ensino, gestão universitária, extensão e o contato com redes de ensino, escolas e movimentos sociais, o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gestão e Políticas Públicas em Educação (Nugeppe), a participação em Fóruns e Conselhos; Terceira Parte: Tabelas do Dossiê e Referências. O docente apresentou o memorial com metodologia adequada, expressando o domínio dos temas e concepções que deram sustentação à sua trajetória profissional, incluindo significativa produção acadêmica vinculada à área de conhecimento em que atua. O memorial apresenta a trajetória de formação do docente, desde a educação básica à graduação em Ciências Sociais na UFF; Curso de Especialização em Sociologia Urbana na UERJ; Mestrado em Educação na UFF, sob a orientação da Professora Nilda Alves; e Doutorado, inicialmente, na UFRJ, onde fomos contemporâneos, e a conclusão do Doutorado em Educação pela USP, sob a orientação da Professora Lisete Arelaro.

A análise do memorial retrata, ainda, o compromisso efetivo do docente, Professor da FE/UFF há 25 anos, em atividades de ensino e orientação, nos níveis de pós-graduação, e sua produção intelectual, demonstradas pela publicação de artigos em periódicos indexados e reconhecidos na área, capítulos de livros, trabalhos em anais de eventos; atividades Pesquisa, sobretudo, no âmbito do Nugeppe, atividades de Extensão, demonstradas pela sua efetiva inserção e organização de eventos nacionais e internacionais, pelo envolvimento em formulação de políticas públicas, articuladas a entidades acadêmicas da área: Anped e, especialmente, na Anfope (foi Diretor Sudeste e, atualmente, integra a Direção Nacional) e Anpae (Diretor Estadual do Rio de Janeiro e, atualmente, Vice-Presidente da Região Sudeste) e pela divulgação do conhecimento; Coordenação de projetos de Pesquisa, Ensino ou Extensão e liderança de Grupos de Pesquisa na área de Políticas e Gestão da Educação; participação em conselhos (Conselho Municipal de Educação de Niterói, CEERJ) e Fórum Estadual de Educação do Rio de Janeiro (FEERJ)), participação em bancas de concursos públicos, de Mestrado e de Doutorado; Organização e participação em eventos de Pesquisa, Ensino ou Extensão; participação em palestras e cursos em eventos acadêmicos; participação em atividades editoriais e de arbitragem de produção intelectual; assessoria, consultoria e participações em órgãos de fomento à Pesquisa, ao Ensino ou à Extensão, em associações acadêmicas da área ; exercício de cargos na administração, incluindo: a chefia do departamento Sociedade, Educação e Conhecimento (dois mandatos), a Direção da Faculdade de Educação e a Vice Direção da FE, a Coordenação do Curso de Especialização em Educação Brasileira e Movimentos Sindicais, a Coordenação do Programa de Pós-graduação em Educação, a participação em órgãos colegiados centrais, entre outros. O docente atendeu a todas as exigências legais e seu memorial propicia um belo, relevante e articulado registro de sua trajetória pessoal e acadêmica e demonstra o efetivo compromisso com a Educação Pública, especialmente com a UFF, bem como autonomia, liderança e criatividade. Portanto, formação, produção, compromisso, rigor acadêmico e engajamento marcaram e marcam a trajetória de Jorge.

Além de ressaltar que o Professor Jorge atendeu aos requisitos das etapas do processo referentes à avaliação de desempenho acadêmico, por meio de excelente pontuação obtida e comprovada pelo docente, apresentação e defesa, com excelência e distinção, do memorial, atendendo plenamente a legislação vigente, quero destacar a alegria de partilhar desta trajetória, por meio de inúmeras vivências e aprendizagens, há quase 30 anos. Além de intelectual orgânico, amigo ousado e corajoso, Jorge possui outras inúmeras qualidades. Quero ressaltar duas: sua amorosidade e leveza, que produzem tanto encantamento. "...a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós." (Manoel de Barros). Visando manter o diálogo neste processo e considerando a sua efetiva inserção na UFF, indago: Como você avalia as atuais políticas advindas, sobretudo, do Governo Federal, para a gestão e autonomia das universidades públicas? Que alternativas político-pedagógicas se fazem necessárias neste cenário? **PARECER CONCLUSIVO:** O Professor Jorge Nassim Vieira Najjar demonstra consistente formação e trajetória acadêmico-científica consolidada, com excelência e distinção, no tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, com produção

Amigos, colegas, entidades...

acadêmica significativa, bem como compromisso efetivo com as atividades na gestão acadêmico-institucional. Apresenta coerência em sua trajetória acadêmica e profissional, bem como amplo reconhecimento acadêmico na área educacional. Por todas essas razões, manifesto-me favoravelmente à promoção do docente Professor Jorge Nassim Vieira Najjar da Classe de Associado IV para a Classe E Professor Titular da Carreira do Magistério Superior. Parabéns!

17 de julho de 2020

Luiz Fernandes Dourado
Professor Titular Emérito da UFG

Carta a um amigo

Rio de Janeiro, 20 de agosto de 2020

Querido Jorge:

Hoje, o dia amanheceu nublado, especialmente triste. Logo cedo, li uma mensagem enviada no dia anterior por sua família, informando que seu estado de saúde havia se agravado. Imediatamente, impactada pela notícia, escrevi para a Rosana. Disse a ela que me encontrava em oração por você. Minutos depois, soube de sua viagem para a eternidade. As lágrimas brotaram de meus olhos de forma incontrolável. Apesar de saber da fragilidade de sua saúde, não podia e não queria acreditar. Eu tinha tanto ainda para conversar com você, para aprender, para lhe dizer... Telefonei quase que imediatamente para o Marcelo Morcazel, um de seus amados alunos, filho intelectual como ele mesmo se intitula, orgulhosamente, e choramos juntos.

Eu já o admirava a distância pelas suas importantes reflexões e contribuições para o repensar da educação brasileira. Você na UFF, eu na UNIRIO. Caminhos profissionais entrecruzados. Não tínhamos, ainda, uma proximidade de amigos, mas uma afinidade intelectual, que foi o ponto de partida para o estabelecimento de um sentimento de respeito mútuo, de cumplicidade, de parceria, que se estreitou e se transformou em amizade.

Estivemos juntos em muitos encontros, conferências, mesas-redondas, congressos, quase sempre atividades acompanhadas de almoços, que nos permitiram um conhecimento mais pessoal, familiar, contação de nossas histórias de vida, especialmente durante o percurso até a tão acolhedora Universidade Rural, em Seropédica, para participarmos de algum evento. Então, descobrimos que éramos vizinhos próximos. Tijucanos

Participamos ativamente do Fórum Estadual de Educação do Rio de Janeiro (FEERJ), desde a sua primeira reunião. Quantas discussões, com tantos outros parceiros, pensando o seu Regimento, definindo ações para a aprovação do Plano Estadual de Educação, organizando e participando da Conferência Estadual de Educação e da

Conferência Nacional (CONAE), além do Congresso de Educação do Estado, que finalmente aconteceu, entre outros importantes momentos da educação fluminense e brasileira.

Você, sempre brilhante em suas argumentações! Ponderado, mas firme, sabendo ouvir e aceitar com elegância as contradições. Seu sorriso cativante, aliado a sua coerência teórica e experiência, contribuíram para a consolidação dos trabalhos.

Tive a imensa satisfação em recebê-lo no Conselho Estadual de Educação (CEE-RJ) como membro indicado pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ). Você já estava enfrentando problemas de saúde, mas isso era praticamente imperceptível. Sua participação nas plenárias, sempre segura, e atuante, contribuindo com o coletivo do CEE, trouxe novo vigor e energia para os Conselheiros e as Conselheiras, e a sua simpatia e solidariedade cativaram também aos profissionais das Equipes Técnica e Administrativa. O Conselho ficou ainda mais qualificado com a sua presença.

Foi uma grande honra quando fui convidada por você para fazer parte de sua Banca de Progressão a Professor Titular, que ocorreria ano passado. Não foi possível, por motivos que você não podia controlar. Como você registrou em seu Memorial, teria sido o ideal, pois completaria, em 2019, 60 anos de idade, 25 anos como professor da UFF e 15 anos como Doutor em Educação.

Porém, entre tantas comemorações, você se deu conta de que todos somos finitos. Teve que interromper por alguns períodos a preparação das tarefas para o Concurso. Mas não desistiu. Outra característica marcante em você: sua determinação! Você desejava e merecia ser Professor Titular. Outra filha intelectual, Karine Morgan, hoje já aguardando sua nomeação como professora da UERJ, estava a seu lado, representando a legião de estudantes que você acolheu e formou, com excelência.

No dia 17 de julho de 2020, praticamente um mês antes de sua viagem para outras vidas, você, com a competência de sempre, com a seriedade que lhe é habitual, apresenta à comunidade científica a sua trajetória de vida e nos permite conhecer o Jorge menino, as influências familiares que o formaram e foram a base que o tornaram essa pessoa tão especial e admirada por muitos. Apresentou a sua trajetória profissional e a tão amada família que constituiu.

Foi um momento ímpar para mim. Tenho certeza de que também o foi para os demais professores e professoras membros da Banca: Giovanni Semeraro (UFF), Ana Maria Dantas Soares (UFRRJ), Luiz Fernandes Dourado (UFGO) e Nilda Guimarães Alves (UERJ).

Você, querido amigo, estará sempre vivo e presente entre nós, que tivemos a felicidade de o conhecer, nos nossos pensamentos, nas lembranças alegres e tristes, nos sorrisos e lágrimas que juntos compartilhamos, nos seus ensinamentos, nos conhecimentos que você nos deixa e que se multiplicarão e serão eternizados.

Não posso, entretanto, dizer que não sentirei falta de sua voz amiga, de sua presença segura. Mas, quando isso acontecer eu me deixarei invadir pelo brilho de seu olhar, de suas palavras e sentirei a sua eterna presença, pois você está vivo em nós.

Um abraço fraterno,

Malvina Tuttman

TRAJETÓRIA DE UM EDUCADOR: TRIBUTO À GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA PÚBLICA*

No processo de formação da sociedade brasileira, a democracia não chegou a se consolidar como um valor, muito menos como um "valor universal", nos termos de Carlos Nelson Coutinho. Embora tenhamos vivido potentes espasmos democráticos, como no processo constituinte realizado na segunda metade dos anos 1980, o fato é que a democracia e suas instituições ainda não foram assimiladas por expressiva parcela da sociedade como algo a ser defendido e preservado, inclusive por meio de esforços individuais e coletivos.

Não é exagero. Pouco antes de a Constituição promulgada em 05 de outubro de 1988 completar 30 anos de vigência, o que é muito pouco como etapa do processo histórico, o Brasil já vivia mais uma experiência de ruptura democrática, verdadeiro golpe de Estado, que, como sói acontecer nessas circunstâncias, provocou drástico dano ao Estado Democrático de Direito e à sua referência principal, a Carta Magna. Com efeito, a deposição da presidenta constitucional do Brasil, em 2016, fez o Brasil retomar seu sinuoso percurso: desde o início da República, temos oscilado entre golpes, ditaduras e períodos de certa estabilidade democrática, os tais espasmos a que me referi.

Aos trinta anos da Constituição outrora dita "Cidadã", exatamente no mês de outubro de 2018, a maioria dos eleitores brasileiros sufragou para a presidência da República um candidato cujo ídolo é um torturador. Em processo eleitoral ocorrido sob o primado do ódio e da violência, com marcas no mínimo controvertidas, especialmente no que tange à rede de falsas notícias que se propagou durante aquela campanha, foi eleito um candidato que se notabilizou, em sua trajetória na vida pública, pelo desprezo à democracia, aos direitos humanos e às instituições republicanas.

No que se refere ao campo da educação, cujos agentes ajudaram a liderar a resistência à ditadura civil militar (1964-1985) e a protagonizar o processo de redemocratização, colocando no centro dos debates a tese "mais escola, melhor escola e escola mais democrática", o princípio da gestão democrática "do ensino público" foi insculpido na Constituição de 1988 (artigo 206, inciso VI) e confirmado na LDB 9394/96 (artigo 3º, inciso VIII). No Plano Nacional de Educação (Lei 13005/14), hoje praticamente abandonado pelo governo federal, também há

menções explícitas à pauta da gestão democrática "da educação pública" (artigo 9º) e da gestão democrática "da educação no âmbito das escolas públicas" (Meta 19). Mas esses preceitos constitucionais e legais estão ameaçados pela onda de autoritarismo, fundamentalismo e ultraliberalismo que fundamentam as posições prevalentes no governo de Jair Bolsonaro.

Julguei apropriado tecer esta breve contextualização para situar a trajetória de um educador visceralmente comprometido com as lutas por democracia na escola pública brasileira. Trata-se de Jorge Nassim Vieira Najjar, prematuramente falecido em 19 de agosto de 2020, que construiu sua caminhada, em diferentes frentes de trabalho, de reflexão e de luta, em torno da defesa da gestão democrática da escola pública.

Em primeiro lugar, cabe ressaltar que Jorge Najjar participou, dialogou e apoiou os movimentos sociais da educação no Rio de Janeiro, notadamente o Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação (SEPE): participava dos atos públicos, atuava na formação política das lideranças sindicais, colaborava em publicações produzidas pelo movimento social dos profissionais da educação. Em síntese, entendeu que a democratização da escola pública não podia prescindir do protagonismo de seus profissionais e de suas entidades representativas.

Em segundo lugar, importa sublinhar que Jorge Najjar também aprofundou sua reflexão e sua contribuição como intelectual, ao longo de quase trinta anos de produção acadêmica relevante, desde a sua dissertação de mestrado sobre o fenômeno da proletarização docente no município do Rio de Janeiro (1992). As condições objetivas de trabalho e de formação do magistério, a luta pela qualidade da educação, tema de sua tese de doutoramento (2004), o planejamento educacional e a gestão democrática da educação representam o essencial da sua colaboração ao campo das ciências da educação, no Brasil e em âmbito internacional.

Em terceiro lugar, cumpre destacar que Jorge Najjar se envolveu ativamente em processos de fortalecimento político de entidades dos movimentos sociais da área acadêmica e em instâncias públicas colegiadas da área educacional. Nessa esteira, sobressaem suas participações como membro ou dirigente, entre outras entidades, na Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), na Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE), na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED), no Fórum Nacional de Diretores de Faculdades de Educação das Universidades Públicas Brasileiras (FORUMDIR), no Fórum Estadual de Educação do Rio de Janeiro, no Conselho Municipal de Educação de Niterói, no Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro e em vários órgãos colegiados da Universidade Federal Fluminense (UFF). Em todos esses ambientes institucionais, suas intervenções, pronunciamentos e votos tinham sempre como referência, em caráter prioritário, a democratização da educação pública.

Em quarto lugar, vale acentuar a atuação de Jorge Najjar como gestor universitário, colocando o guizo no pescoço do gato, ou seja, buscando vivenciar a experiência democrática em processos de gestão por ele mesmo dirigidos. Nesse

sentido, após uma vivência pontual, mas importante, como subchefe de departamento em instituição de ensino superior particular, enveredou durante vários anos seguidos por sucessivos desafios na gestão pública universitária, no contexto institucional da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF): chefe de departamento, coordenador geral de cursos de pós-graduação *lato-sensu*, vice-diretor, diretor e coordenador do programa de pós-graduação em educação. No exercício de todas essas funções, era reconhecido por sua propensão permanente ao diálogo e pela capacidade de escutar, ponderar e construir soluções mediadoras para os problemas enfrentados.

Mas em sua trajetória de 26 anos como professor da UFF, Jorge Najjar não se dedicou apenas à gestão universitária. Ao contrário, sempre buscou materializar o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão em sua atuação como docente, pesquisador e militante da extensão universitária. Nesse sentido, lecionou na graduação e na pós-graduação; orientou trabalhos acadêmicos; apresentou comunicações e pronunciou conferências em congressos; produziu inúmeras publicações (livros, capítulos e artigos) e editou outras tantas; desenvolveu projetos de formação continuada em escolas, redes públicas e movimentos sociais; liderou experiências exitosas de cooperação acadêmica internacional. Por fim, instituiu um grupo de pesquisa, seu querido NUGEPPE (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gestão e Políticas Públicas de Educação), através do qual, nos últimos dez anos, contribuiu decisivamente, de maneira orgânica, coletiva e compartilhada, na formação de muitos mestres, doutores, enfim, de valorosos(as) pesquisadores(as) da área de educação.

Conheci Jorge Najjar no final dos anos 1980, ainda quando cursávamos o mestrado em educação, na antiga sede da FEUFF, antes de sua mudança para o Campus do Gragoatá. Eu me tornei professor da UFF quatro anos antes de seu ingresso no corpo docente desta grande universidade federal, onde ambos fizemos graduação e mestrado. Quando tomou posse como professor assistente da FEUFF, no ano de 1994, eu me encontrava no exterior, em licença para doutoramento. Conversamos a primeira vez, em 1996, sob a emoção de um evento marcante para a história da educação de Niterói: a concessão do título de Doutor *Honoris Causa* ao mestre Paulo Freire, nas dependências do Cine Arte UFF. Dois anos depois, em 1998, assumimos a chefia de nossos respectivos departamentos de ensino na FEUFF: eu, o Departamento de Fundamentos Pedagógicos; ele, o Departamento de Sociedade, Educação e Conhecimento. Fomos empossados juntos, em concorrida solenidade realizada na Sala Paulo Freire da FEUFF. Compartilhamos planos, projetos e iniciativas. Amargamos frustrações e tropeçamos em limites. Avançamos juntos e estruturamos as bases de uma parceria que nunca mais seria interrompida.

No ano seguinte, já nos estertores do século XX, assumi a direção da Faculdade de Educação da UFF, sempre com seu apoio. Em seguida, ele se licenciou para fazer o doutoramento na Universidade de São Paulo (USP). Porém, mesmo afastado, sempre me apoiou, incentivou e deu sustentação à minha gestão como diretor da FEUFF. Deixei o cargo por imperativo legal, posto que devia me desincompatibilizar para disputar mandato eletivo em 2004, no mesmo ano em que

ele defendeu sua tese de doutorado. De perto ou de longe, Jorge Najjar participou de muitos momentos marcantes de nossa gestão na FEUFF: quando retomamos a revista da Faculdade (Movimento), depois de 13 anos de interrupção; quando lançamos a coleção de livros da FEUFF (Práxis Educativa); quando conquistamos a nota mais elevada de toda a história do nosso Programa de Pós-Graduação (Nota 6); quando institucionalizamos o Curso de Pedagogia de Angra dos Reis, oito anos depois de sua criação, entre outras árduas e celebradas vitórias.

Publicamos juntos; organizamos juntos publicações; dirigimos juntos a seção estadual da ANPAE-RJ; lutamos juntos em vários combates; gerimos juntos uma instituição de ensino superior pública; lecionamos juntos; pesquisamos juntos e coordenamos juntos coletivos de pesquisa sinérgicos; desenvolvemos juntos projetos extensionistas; compusemos juntos várias bancas de mestrado e de doutorado; participamos juntos de inúmeros painéis e mesas redondas em diferentes congressos e outros eventos acadêmicos; atuamos juntos em diferentes órgãos colegiados; vivenciamos juntos reuniões políticas, organizadas por ele, em meu apoio. Juntos aqui não quer dizer simplesmente no mesmo lugar, ao mesmo tempo. Juntos aqui significa em sintonia política, pedagógica e ideológica. E também afetual. Por isso, sonhamos juntos outra escola pública e outra sociedade brasileira: mais inclusivas, mais igualitárias, mais democráticas.

Nosso elo de ligação, inquebrantável, será mantido enquanto eu tiver força e lucidez para perseguir aquela mesma utopia: em homenagem às históricas lutas por democracia no Brasil, na sociedade e na escola, e em memória de quem delas participou, como cidadão e educador, de forma íntegra, com firmeza porém sem sectarismo, sempre agregando e construindo coletivamente cada passo adiante e cada recuo estratégico. Eu me refiro a Jorge Nassim Vieira Najjar, o Professor Jorge Najjar, cuja vida, obra e legado farão parte, de modo indelével, da história da educação brasileira.

Waldeck Carneiro*

** Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF. Deputado Estadual (RJ) pelo Partido dos Trabalhadores. Amigo do Professor Jorge Najjar.

*** Este texto também expressa a admiração e o reconhecimento do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Educação (GRUPPE), da Faculdade de Educação da UFF, ao Professor Jorge Najjar.**

Meu mestre e eu

Em uma tarde de março, meu telefone tocou. Era Jorge Najjar. Na época eu era um recém graduado em Pedagogia, aspirante ao mestrado em Educação e ele era vice-diretor da Faculdade de Educação da UFF, onde eu havia participado do último processo seletivo do mestrado e meu projeto fora reprovado. Ouvi dizer, pelos corredores, que para ter mais chances, eu deveria ingressar em um grupo de

pesquisas, para me familiarizar com o linguajar, com as exigências da academia. Por intermédio da professora Marcia Pessanha, consegui ser indicado ao professor Jorge, que estava criando seu grupo de pesquisas. Ele me perguntou, com sua voz ao mesmo tempo firme e doce, o que eu queria pesquisar. Na minha ingenuidade, eu respondi: “Educação”. Ele retrucou rindo: “Sim, disso eu sei, mas o que em educação?”. Eu respondi o que me veio à cabeça: “Gestão!”. Essa ligação, de pouco mais de 2 minutos, mudou completamente a minha vida e, acredito eu, a de muitas outras pessoas.

Na quarta-feira seguinte, dia 24 de março, às 2 horas da tarde, me apresentei como bom calouro na sala da vice-direção da Faculdade de Educação, no campus do Gragoatá, em Niterói. Eu me lembro de olhar para aquela paisagem bucólica à beira da Baía e sentir, que de alguma forma, aquele ali seria meu lugar. Sua sala era pequena e contava com três mesas, duas retangulares, formando um L e uma mesinha redonda com quatro cadeiras. Jorge estava de lado, de camisa amarela, digitando no teclado, com os óculos na ponta do nariz. Ele olhou para mim e abriu um largo sorriso: “Senta aí filho, vamos esperar os outros chegarem.” Como em uma primeira entrevista de emprego, fiquei sem saber o que fazer, para onde olhar e o silêncio era interrompido apenas pelas suas fortes batidas nas teclas do computador. Olhei aquelas pilhas de folhas, xerox, livros, aquela “desorganização arqueológica”, como ele chamava, com camadas e mais camadas de trabalho e pensei: “Como alguém se encontra desse jeito?”.

Logo depois, para meu alívio, três estudantes de mestrado ingressaram na salinha e se apresentaram: Lucy, Adriana e Rogério. Já os conhecia por e-mail, mas ali pela primeira vez os vi pessoalmente. Os três eram recém-ingressados no mestrado e seriam orientados pelo Najjar. Aquela reunião, em março de 2010, foi a pedra fundamental da criação do Nugeppe – Núcleo de Estudos em Gestão e Políticas Públicas em Educação, um grupo de pesquisa, mas antes de tudo, um grupo de afetos. Naquela primeira reunião, ele havia pedido que eu trouxesse um anteprojeto, com aquilo que desejava pesquisar. Eu juro que me esforcei. Passei dias construindo algo que eu acreditava ser realmente bom, repleto de citações de autores consagrados, seguindo todas as normas que o edital do mestrado propunha, algo que fosse, como Jorge depois me ensinou, “um cartão de visitas” para mim naquele espaço almejado. Ele puxou uma cadeira e se sentou conosco, pedindo que nos apresentássemos. Por fim, pediu que eu distribuísse as cópias do meu anteprojeto, que seria lido pelos quatro e em seguida, comentado. Antes, ele fez uma fala – que ao longo dos anos se tornou um clássico – que a crítica intelectual era um sinal de respeito do colega, que não era pessoal e que “a massa só cresce quando a gente bate”. Levei aquilo na maior tranquilidade e fizemos silêncio para que lessem minhas 8 páginas de pretensa genialidade concentrada.

Após a leitura, para mim, todo aquele clima de acolhida desapareceu. O céu ficou nublado. Eles quatro, mas principalmente Jorge Najjar, foram impiedosos com meu texto: falaram que aquilo não era um projeto, que não tinha objetivo, que a justificativa não justificava e todo tipo de ofensa impessoal que só o autor do texto é capaz de enxergar. Fui atropelado por um rolo compressor, mantive meu sorriso

amarelo, agradeci e emudeci. Fiquei contando os minutos para ser libertado daquela câmara de tortura. Eu me lembro perfeitamente do meu trajeto em direção ao carro, pensando: “Eu nunca mais vou pisar aqui!”. Saí envergonhado, triste, decepcionado comigo mesmo, achando que a vida acadêmica não era para mim. Os dias foram passando e tive coragem de reler o meu projeto e constatar que eu só havia ouvido verdades. Que aquele projeto era verde como eu e que nós precisávamos amadurecer. Foi assim que resolvi voltar na quarta-feira seguinte.

Depois desse momento-chave, tudo começou a fazer sentido. Jorge me incentivava com seu jeito carinhoso, atencioso, com seu bom humor e mesmo quando escrevia “Feio!” ao corrigir meus parágrafos. Nós rapidamente criamos identificações várias: ambos descendentes de libaneses, gostávamos tanto de ler e estudar, como de comer uma paçoquinha com café e falar da vida. Fomos, pouco a pouco criando uma cumplicidade que se refletiu na minha aprovação no mestrado em 2011, quando ele me ligou depois que o resultado foi homologado e disse: “Parabéns, mestrando!”. Daí em diante, comecei a construir com ele uma relação simbiótica: escrevíamos juntos para congressos, eu o ajudava a organizar seu sítio arqueológico e sua agenda, ele me ajudava revisando meus trabalhos das disciplinas e tirando minhas dúvidas sobre os autores. Construí minha maneira de dar aulas o vendo dar aulas, aprendi a analisar criticamente um texto vendo-o nas bancas e no grupo de pesquisa, aprendi muito sobre gestão de pessoas observando sua serenidade como vice-diretor, diante dos maiores absurdos que lhe eram relatados. Nunca foi grosseiro com ninguém, nunca deixou a razão de lado, mesmo colocando emoção em tudo que fazia. E foi ele que me deu todas as oportunidades iniciais, quando eu era apenas um aspirante, sofrendo certa desconfiança por ser oriundo da escola privada.

Quando eu e meus contemporâneos Sheila, Edylane e Simone estávamos escrevendo nossas metodologias para as dissertações, ele se divertia ao dizer, com a boca cheia, após ler os manuscritos: “Isto não é uma metodologia”. Até que eu resolvi armar uma arapuca para ele. Peguei sua tese de doutorado, fui na metodologia e criei um quadro esquemático, indicando todos os pontos que ele abordava, ou seja, o trajeto do texto. Espelhei aquele roteiro para o meu objeto e construí meu texto metodológico com base naquele que tinha sido o seu. Entreguei o texto e aguardei ele dizer que aquilo não era uma metodologia, pronto para dar o bote (nem sei se de fato eu teria coragem de confrontá-lo, é verdade) ... Quando acabou, ele girou o pescoço, passou o polegar e o indicador na sua barba e disse: “Tem alguns problemas, algumas partes sem sentido, mas mesmo com tudo isso, posso dizer que isto é uma metodologia!”. Foi alegria geral, comemoração de gol, enquanto ele ria da nossa cara e se orgulhava daquele momento heurístico. Tempos depois contei para ele essa história e ele gargalhava, e passei anos contando para os novos orientandos dele quando me pedia.

Com Jorge descobri como o funcionário público, com dedicação exclusiva, pode trabalhar muito mais do que as horas previstas. Sua generosidade sempre o sobrecarregou de textos para ler, de orientandos herdados, de projetos para integrar, de artigos para dar parecer... Nunca soube dizer não! Ao longo dos anos fomos desenvolvendo uma cumplicidade sem tamanho, que me permitia substituí-

lo em aulas, ajudar na correção dos trabalhos e até na resposta dos e-mails. Ele dizia que foi se tornando uma pessoa jurídica, nós tínhamos suas senhas de tudo. Isso se deve muito à entrada de Karine ao grupo, que ocupou um lugar muito especial ao lado dele, ajudando-o em todas as esferas de sua vida. Eu me emociono só de me lembrar do esforço que ela empreendeu para que a banca de titular de Jorge pudesse acontecer em meio à pandemia e à sua doença. Sem dúvidas, a ascensão profissional que Jorge teve nos últimos dez anos, e nós dois conseqüentemente, se deve muito a este triunvirato que constituímos. Ele brincava que suas próximas tatuagens seriam Marcelo, no braço direito, e Karine no braço esquerdo, ou vice-versa. Não tivemos tempo para isso, infelizmente.

Após deixar a direção da Faculdade de Educação, Jorge conseguiu focar em suas pesquisas e no Nugeppe. Publicou diversos artigos e organizou mais de uma dezena de obras e dossiês, tendo publicado inclusive sua tese na íntegra, em um livro editado pela EdUFF. Tornou-se diretor estadual da ANPAE, depois vice-presidente Sudeste; coordenador regional da ANFOPE e na sequência seu 1º tesoureiro; elegeu-se coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação da UFF e conseguiu, com um trabalho belíssimo, trazer a Reunião da ANPEd para Niterói, sendo Coordenador-geral da Comissão Local até as vésperas do evento, pouco antes de descobrir sua doença. Para além disso, firmou um profícuo convênio com a Colômbia, em que pesquisadores brasileiros e colombianos realizaram diversos intercâmbios. Foi designado Conselheiro Estadual de Educação, após anos atuando com brilhantismo no Conselho Municipal de Niterói. Enfim, conquistas dignas de um professor titular de uma das maiores universidades do país.

Jorge nos ensinava com amor, mas sempre com verdade. Nunca se privava de nos corrigir, mesmo que em público, sem o menor receio de constrangimentos. Sabia elevar nossa autoestima e, ao mesmo tempo, nos dar consciência da realidade e de nossas limitações. Como gostava de dizer, aprendeu com Gramsci a ser um pessimista na teoria e um otimista na prática. De longe, foi o melhor marido e pai que já vi, e olha que conheci milhares em tantos anos de gestão escolar; Rosana, Alex e Rafa podem atestar isso. Pena que não conseguiu ser avô, pois seria imbatível nessa função! Era uma fonte inesgotável de conhecimento, de tiradas geniais, de indicação de livros e risadas gostosas. Gostava de abraçar, de fofocar, de compartilhar, de conviver, de aglomerar, não era feito para esses tempos de pandemia. Essa pandemia que nos afastou dele, mas que ao mesmo tempo possibilitou que sua família ficasse ao lado dele, nessa reta final. Vai entender as contradições da vida...

Formou um grupo potente, que começou com três mestrados e um penetra e hoje conta com quase dez doutores, tantos outros doutorandos e mestrados. Meu mestre, meu pai intelectual, minha referência... havia coisas que só você podia me aconselhar, havia vitórias que eu precisava contar antes para você, que só você entendia a magnitude, quantos textos tínhamos ainda para escrever... parece que tudo que fiz foi para te orgulhar. Como você disse na minha defesa, um dia você iria encher a boca para falar que orientou "O Marcelo Mocarzel"! Também não deu tempo. Jorgito, nosso Grande Tubarão Branco, que valorizava cada ritual, cada

pequeno passo de cada pessoa que lhe cercava, fique sabendo que o câncer não te venceu. Porque um verdadeiro professor torna-se imortal em seus alunos. Esse talvez seja o nosso céu: habitar quem fica, de alguma forma.

Com você aprendi a fazer citações perfeitas, a beber café sem açúcar, a deixar os problemas virem até mim, a ajudar sem esperar nada em troca, a não falar “a nível de”, a não só me indignar, mas a agir contra as injustiças, a buscar sempre o melhor em mim e no mundo. Você me ensinou que mestrado é formação intelectual e me obrigava a ler literatura e te acompanhar em exposições de arte enquanto eu só queria saber da tese! Com você escrevi meu primeiro resumo, meu primeiro artigo, meu primeiro livro, fui ao meu primeiro congresso nacional e internacional, integrei a minha primeira banca. Você estava na minha banca de mestrado, na minha banca de professor substituto, na minha banca de doutorado e em todos os momentos importantes da minha vida; me viu casar, viu minhas duas filhas nascerem, viu eu me tornar professor do ensino superior, doutor, professor da pós, conselheiro... enfim, custo a crer que a vida vai ter a mesma graça sem você, sem você falando “E aí, filhote?”. Mas como você sempre dizia, “a vida é dura, rapá!” E como Guimarães Rosa nos ensinou, o que ela quer da gente é coragem! Obrigado! Te amo para sempre!

Marcelo Mocarzel

Jorge Najjar

Menino águia,
solar,
espírito de pai,
de intelectualidade.
Menino passarinho.
Ninho. Acolhedor
Voo. Em revoada. Junto.
Em voos altos. Circulando o mundo.
De alegria. De amorosidade.
De sorrisos. De carinho.

Gosto das palavras soltas,
Pelos cantos entoadas,
Pelo que elas guardam
sem dizer tudo. Sentidas.
Teceu lindas história na vida, de muitos.
Jorginho, teça, agora uma linda história no alto do céu.

A saudade magoa.
Fica, em nós,
O eterno menino.

Iduina Mont'Alverne Chaves
Universidade Federal Fluminense - UFF

Considerações Finais

Eu conheci Jorge em 2012, no processo seletivo de acesso ao curso de Mestrado em Educação da UFF.

Eu estava absolutamente amedrontada com a rigidez e a crueldade dos professores da Pós-graduação *Stricto sensu*. Características sobre as quais ouvira falar corriqueiramente nas lendas e histórias de ex-alunos de programas diversos. Tais relatos incluíam humilhações públicas e egos inflados. O Programa era visto por mim como o Olimpo, local de onde DEUSES arbitrariam sobre minha vida e meu futuro.

Revestida por uma coragem não usual, fiz a inscrição. As etapas foram sendo vencidas até que chegou o dia da entrevista, última etapa do processo seletivo e momento em que eu estaria cara a cara com os temidos DEUSES da Pós.

Eu havia chegado cedo, por receio de que imprevistos pudessem impedir que uma professora ordinária de um município da Baixada Fluminense chegasse ao Olimpo. As horas demoravam a passar e em determinado momento, Jorge Najjar saiu da sala para ir ao banheiro e me perguntou se eu era a candidata que seria entrevistada a seguir. Diante da minha negativa, ele questionou. “Será que ela não vem?” e eu, em tom de troça, lhe respondi “Tomara!” e ele riu. Conheci ele e o riso dele no mesmo momento. E confesso que não achei aquele “velhinho com cara de Papai Noel” tão malvado assim!!!

Durante a entrevista, da qual também participava a Prof^ª Flávia Monteiro de Barros Araújo, sua querida Flavinha, ele, percebendo que meu projeto de entrada era absurdo e irrealizável (eu pretendia fazer etnografia em 20 escolas!!!), já quase no final da entrevista, perguntou se eu fazia a mais vaga ideia do que era um estudo etnográfico e eu, depois de respirar e constatar que eu não conseguiria enganar o velhinho do Olimpo, respondi um sonoro NÃO. Ele gargalhou e disse posteriormente que foi naquele momento que me escolheu para ocupar uma das vagas que abria naquele ano.

E quantas gargalhadas nossas viriam nos outros 8 anos em que estivemos juntos. Eu, verde como ele dizia, precisava resgatar saberes aos quais não tivera acesso na graduação e na pós *lato sensu*. Precisava ouvi-lo, não perdia uma aula, uma única palestra. Me envolvi e fui envolvida pela vida acadêmica sem ver as humilhações e nenhum sinal de ego inflado. Pelo contrário, conheci um PROFESSOR DOUTOR comprometido com sorrisos, leveza sem deixar o rigor acadêmico.

Jorge gostava de formar seus orientandos, por mim apelidados de seus pintinhos, de maneira integral. Não foram poucos os momentos em que me presenteava com livros não acadêmicos e me obrigava a experimentar iguarias diversas. Ele dizia que se soubesse que eu era “chata para comer”, não teria me escolhido naquele dia. Ouvi milhões de vezes “Quem não está aberto a experimentar

novos sabores, não está aberto a experimentar a vida. E eu não quero um orientando que não experimenta coisas novas.”

E uma vida de coisas novas abriu-se para mim na convivência com ele. Eu aprendi a apreciar arte, a comer salada e comida árabe, redescobri a beleza de um café no fim de tarde, intensifiquei meu fascínio por novos lugares. Conheci Cuba, Paris, Bogotá, Cartagena, Madrid, Barcelona, Paraíba, Goiás, Santo Antônio de Pádua... Apresentava meus trabalhos nos congressos nacionais e internacionais sob seus olhos atentos, que orientavam não apenas a dissertação e os artigos que escrevíamos juntos, mas também aprofundava a análise e a necessária crítica à educação brasileira. Ao mesmo tempo, a nossa relação de reciprocidade, amizade e cumplicidade tornava-se firme como rocha.

Ele estava lá quando palestrei pela primeira vez, quando publiquei meus primeiros artigos, quando dei minhas primeiras aulas no ensino superior e quando tinha dúvidas sobre minha prática. Jorge também me preparou para todos os processos seletivos para professor do ensino superior que fiz. Ele, invariavelmente, me ligava na véspera da prova e ao ouvir a ladainha de que eu não estava preparada, ele perguntava incisivamente: “Qual é o seu nome????” E eu tinha que responder “KARINE MORGAN”, aos berros para, segundo ele, demonstrar a confiança no havia me formado para ser.

Os eventos acadêmicos que fizemos é um capítulo muito importante da minha constituição enquanto professora-pesquisadora. Foram muitos: Anpaes, Anfopes, seminários discentes e Colóquios Brasil-Colômbia. Por causa dele, aprendi a lidar com os trâmites da Capes e do Cnpq. Fui bolsista e estagiária docente das disciplinas que Jorge ministrou por tantos períodos, que nem tenho o número preciso.

O Doutorado veio como caminho natural de uma formação sólida baseada em muito trabalho coletivo e em um amor recíproco inabalável. A esta altura, Jorge Najjar, Marcelo Mocarzel e Karine Morgan já eram reconhecidos como o trio ternura da academia. Uma equipe capaz, comprometida, produtiva e altamente divertida.

As pessoas diziam que Jorge deveria tatuar em seu braço direito “KARINE” e em seu braço esquerdo “MARCELO” (ou vice versa). Fizemos muitas coisas juntos. Vivemos intensamente esses anos. Não posso reclamar. A vida foi generosa demais comigo através dele.

Quando enviei a versão final da Tese para que ele corrigisse, esperava uma surra, um festival de ‘feios’ escritos ao lado dos parágrafos (ele costumava escrever FEIO em caixa alta ao lado dos trechos que precisavam ser revistos) e muitas inconsistências pra rever, mas poucas alterações foram solicitadas. Ali percebi que, de fato, o plano dele para mim estava sendo concluído. Jorge me ensinou tanto que, ao concluir aquele trabalho, já não precisava de muitas correções. O orgulho no olhar dele, tanto neste momento quanto na banca de defesa, será para sempre minha bússola.

Nos dias subsequentes à Defesa da Tese, Jorge me ligava com frequência e, em tom formal, dizia: “eu gostaria de falar com a Professora Doutora Karine Morgan”. Eu sabia que era a forma dele de celebrar a pesquisadora que criou a partir do pó. Ríamos e tratávamos da coisa mais importante que fizemos juntos: Sua progressão a Professor Titular. Algo que era um desejo de sua alma e que, em meio à pandemia e à sua doença, com a inestimável ajuda de pessoas queridas (como a Heloísa Huguenin e o Prof. Waldeck Carneiro da Silva), conseguimos fazer acontecer.

Jorge fez a passagem cedo demais! Haverá um espaço vazio na banca quando meu primeiro orientando de pós defender a dissertação ou do meu lado quando eu assinar a posse de um concurso para professor do ensino superior. Eu e Marcelo não cumprimos nossa promessa de enganá-lo com orientandos *fake* quando ele ficasse gagá. Jorge não verá meu filho, que ele segurou em seus braços com um dia de vida, crescer... Tantos planos, tantas coisas ainda por fazer. Tudo ficou meio sem cor.

Ouçõ que o professor eterniza-se através de seus alunos e, de fato, a única coisa que me sustenta neste momento de profunda dor é a certeza de que tem tanto dele em mim, que parte dele estará no mundo através das minhas próprias ações. E eu vou viver para ele dizer para os outros fantasmas: “Eu que fiz!” e se encher de orgulho igual a um balão de gás hélio.

Meu Papai Urso, como escrevi no agradecimento especial da Tese, ‘te amarei de janeiro a janeiro, até o mundo acabar’.

Karine Morgan Vichiect

**HOMENAGEM EM MEMÓRIA DE MEU AMIGO E COMPANHEIRO DE LUTA EM
PROL DA EDUCAÇÃO PÚBLICA E DA DEMOCRACIA SOCIAL BRASILEIRA
JORGE NAJJAR**

Jorge, meu sentimento é de orfandade de sua presença física. Mas, seu legado intelectual, humano e ético é grandioso e tudo farei para mantê-lo vivo como uma bandeira em riste em prol da educação pública e da democracia social brasileira.

A saudade que sinto se diferenciará em lembranças que permanecerão para sempre em minha memória e em minhas ações cotidianas. Não exclusivamente no cotidiano da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, agora saudosa de seu sorriso largo e abraço acolhedor, marcas de sua personalidade humana iluminada.

Tenho consciência da finitude da vida! Mas, também sei e, tenho certeza, da capacidade de alguns educadores se tornarem eternos por intermédio de sua obra intelectual e de sua luta em prol da educação e da democracia.

Jorge querido, com você aprendi ser possível a felicidade, mesmo considerando os limites sociais. Aprendi também que há uma dialética na frieza que se observa na

vida acadêmica, ou seja, é possível ser intelectual e humano; é possível ser rigoroso no fazer pedagógico e investigativo em prol da formação crítica de nossos estudantes e, ao mesmo tempo, ser terno, ser solidário, ser amável e generoso.

Saiba, Jorge, aprendi muito com você nesses longos e profícuos 26 anos que convivemos na Faculdade de Educação, como companheiros de Departamento no SSE e no PPGEd, em nossa Linha de Pesquisa 'Políticas, Educação, Formação e Sociedade'. Em tantas bancas participamos juntos!!

Você sempre esteve presente nas defesas de minhas(meus) orientandos. Você sempre era o primeiro a ser lembrado para participar da formação de mestrandos e doutorandos sob minha orientação. Sempre cuidadoso na leitura, vigoroso na crítica e respeitoso em relação à produção textual de cada uma, de cada um e de todos os pós-graduandos.

E, mais, quando ocorriam situações complexas no nosso dia-a-dia de trabalho acadêmico, você Jorge, sereno (como um sábio) ouvia mais do que falava e sempre tinha uma solução. Você nunca desistia de ninguém nem de nenhum desafio.

Jorge, você sempre foi um guerreiro e, saiba, se eu fosse criança, acho que elegeria você como meu Herói!!

Sua presença sempre será um alento e um impulso para seguir adiante em prol do sonho por um mundo melhor, inclusivo e fraterno!!

Obrigada pelos anos que vivemos juntos!! Por seu altruísmo e beleza espiritual!

Agora, um pouco da poesia de Pablo Neruda, poeta chileno tão admirado por você (tenho até hoje guardada comigo uma caneta com a assinatura deste poeta que você me presenteou ao voltar de Santiago, onde visitou o Museu Pablo Neruda. Você amava o Chile e várias vezes visitou este belo País.

Este trecho resume sua bela vida na Terra:

“Tal vez no viví en mí mismo; tal vez viví la vida de los otros.
De cuanto he dejado escrito en estas páginas se desprenderán siempre – como en las arboledas de otoño y como en el tiempo de las viñas – las hojas amarillas que van a morir y las uvas que revivirán en el vino sagrado.
Mi vida es una vida hecha de todas las vidas: las vidas del poeta.”
(Pablo Neruda. In: **Confieso que he vivido**, 2002, p. 7)

Com carinho,

Valdelúcia Alves da Costa

Agosto 2020

Algumas palavras

Gostaria de escrever algumas palavras e peço desculpas se eu me alongar, mas resolvi compartilhar meus sentimentos como um conforto para mim mesmo. Sei que muitos servidores docentes ou técnicos devem ter histórias incríveis com ele e que a minha é bem pequena. Mas pequena é modo dizer, porque a marca que me deixou é enorme.

Eu fui recebido na UFF pelo Prof. Jorge, quando ele ainda era vice da Profa. Márcia. Como a professora estava no último ano do mandato e o Prof. Jorge logo se candidatou para ser o próximo diretor, eu me aproximei muito dele. O meu cargo era novo nas unidades acadêmicas e foi preciso que nós criássemos juntos as atribuições. Quando conversava com meus colegas administradores, eu só percebia o quanto eu tinha sorte. Diferente do que passavam os meus colegas, o meu chefe não só compreendeu a importância do meu cargo, como dava todo o apoio e a autonomia de que eu precisava. Como ele mesmo dizia, a Universidade tem quatro pés: ensino, pesquisa, extensão e administração. Por isso, sempre foi muito comprometido com as causas dos técnicos. E não só no sentido de garantir nossos direitos, mas também de nos encorajar a cumprir nossos deveres com responsabilidade e entusiasmo.

Acredito que coragem e entusiasmo sejam duas palavras que definem bem esse grande educador, o qual tive a honra de trabalhar junto. Foram mais de quatro anos abrindo a porta de sua sala várias vezes na semana, várias vezes no mesmo dia e vendo ele sentado em sua cadeira, rascunhando seu caderno. No começo, eu mesmo pedia para ele me dar algumas aulas sobre como funcionavam as estruturas da UFF e da Educação e me sentava de frente para ele. Ele, então, usava esse mesmo caderno como quadro branco para me ensinar. Foi assim, que mesmo já tendo sido aluno na UFF em duas graduações, eu me senti acolhido como servidor, uma experiência completamente diferente ainda que na mesma instituição. O que ele me ensinou ainda influencia, até hoje, a forma como eu penso a nossa Universidade.

E não se enganem, ele era um fofo, mas dava broncas! Tamanho era o respeito que eu tinha por ele que era impossível ficar chateado. Dava bronca, mas sabia ouvir em contrapartida, como todo bom educador sabe fazer. Fosse elogio ou fosse bronca, qualquer feedback dele, foi sempre um aprendizado para mim.

O carinho que eu sinto pela UFF se confunde com o carinho que sinto pelo Prof. Jorge Najjar. E, pelo menos nessa frase, eu falo no presente porque acredito que somos infinitos. E, mesmo que você não acredite nisso, a contribuição dele já está na eternidade tanto no todo como na nossa casa, a FEUFF. "Projeto Harvard!", ele dizia. E lá eu ia na Reitoria atrás dos sonhos enormes que ele tinha!

Obrigado por tudo professor e até em breve com novos e ainda maiores sonhos!

Francisco Monteiro (UFF)

Jorge “Hércules” Najjar

É muito difícil falar em poucas palavras de um amigo que considerava como irmão mais velho. A dor é profunda, mas reativa memórias bonitas. O ano era 2012 e eu estava há dois anos na UFF lotado na Unidade de Pádua. Fui até a Faculdade de Educação com um colega (e amigo) de Pádua e este me apresentou o Diretor, Prof. Jorge Najjar. Nos conhecemos ali, e com sua habitual gentileza trocamos contatos pois possuíamos afinidades de pesquisa.

Em 2012 eu lançava um livro e o Jorge me convidou para que o fizesse na Faculdade de Educação. Desde então nos tornamos amigos e parceiros de luta e trabalho. Em 2013/2014 integramos a equipe estadual do Plano de Ações Articuladas (PAR). Os laços se estreitaram e passei a integrar o grupo de pesquisa sob sua liderança (O Nugeppe). Fizemos muitas coisas juntos. Uma destas se deu quando de 2015-2017 o Jorge trabalhou sob minha coordenação no Programa Escola de Gestores e desenvolveu com as turmas de diretores escolares da Região Metropolitana um trabalho excepcional até o fim do Programa (em todo o Brasil, já no Governo Temer).

Certa vez, ainda nessa empreitada realizamos uma reunião e eu brinquei que o cenário político era tão conturbado que eu me sentia como se fosse Ulisses comandando o Argos, mas que não o conseguiria jamais sem ter na tripulação “Hércules Najjar”. Este epíteto carinhoso retrata metaforicamente tudo o que ele foi e continuará sendo para as novas gerações. Foi incansável defensor e protetor da família e dos amigos, realizou lutas inconcebíveis em prol da educação brasileira (e internacional), apoiou e conduziu seus orientandos (que eram tratados como filhos) tal como fatia o mítico herói.

No fim da vida, acometido de doença agressiva e letal lutou bravamente até o fim para que não perdêssemos a esperança.

Jorge “Hércules” Najjar, descanse (ou lute pois ninguém conhece o mistério da morte) e saiba que aceitei de bom grado o apelido de “Ulisses” e posso dizer que sua amizade fez de mim alguém melhor como pessoa, professor e pesquisador. Que a tristeza se converta em luta nestes tempos cada vez mais sombrios.

Pablo Silva Machado Bispo dos Santos

Uma simples homenagem

Foi com uma dor imensa que recebi essa notícia. Hoje já estava difícil por ser uma data que marcava a lembrança de uma importante perda em minha família. Sei que será difícil escrever, mas tentarei. Igual ao Francisco, serei longo.

Meus primeiros contatos com o Jorge se deram quando eu era Secretário do curso de Mestrado enquanto ele era um mestrando, junto com vários alunos que, como ele,

também seriam futuramente professores da FEUFF. Quando ele defendeu e depois quando ingressou no quadro docente da UFF, eu ainda era Secretário do Mestrado.

Eu sempre tive um relacionamento perfeito com os mestrandos, mas com o Jorge, também cabia brincadeiras, sempre com respeito. E com esse respeito, ele sempre acatava sugestões que eu dava tanto como coordenador e Professor de cursos da Pós-graduação Lato Sensu, como na época que assumiu a Direção da Faculdade.

Não foi gratuita a colocação de seu nome nos agradecimentos de minhas dissertação e Tese.

Posso afirmar, sem sombra de dúvida, que nossa relação foi no mínimo igual a que eu tive com os professores do Mestrado com quem eu melhor trabalhei e relatei, mesmo não tendo relação hierárquica direta com ele em nenhum instante. Este mês eu completo 38 anos como servidor da UFF e da Feuff. Desses 38 anos, eu o conheço há 29. Muitos de seus alunos não têm isso de idade. É muito tempo. Nosso último contato foi virtual, logo ele que me dizia que não gostava de e-mails. Ele é de menos tela e mais abraços. Nosso último abraço foi pouco antes da pandemia, quando estive na Secretaria. Trouxe a alegria com ele.

Fico triste porque nessa hora, em função do momento em que vivemos, não poderei me despedir presentemente, mas sei que isso não diminuirá o respeito que sempre tive por ele.

Por fim, mesmo que essas palavras não cheguem a seus familiares, fica minha força e solidariedade a todos os seus e minha simples homenagem.

Jorge Najjar, presente!

Carlos Benites de Azevedo (UFF)

Nota de pesar pelo falecimento do professor Jorge Najjar

A Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense informa, com profundo pesar, o falecimento do Professor Titular Dr. Jorge Nassim Vieira Najjar.

O professor sempre teve expressiva atuação como docente da Faculdade e ocupou posições de destaque como diretor da Faculdade de Educação e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação. Deixa como legado uma enorme contribuição para a nossa unidade, para a formação de professores e para o campo da pesquisa em educação, assim como para a educação brasileira como um todo, por sua luta contínua pela educação pública e laica.

Neste momento de tristeza, a FEUFF se solidariza aos familiares, colegas e amigos e compartilha o enorme sentimento de luto.

Professor Fernando Penna
Diretor da FEUFF

Jorge Nassim Viera Najjar

Meu singelo registro em sua homenagem

Minha lindinha...Oi querida, aqui é Jorge Najjar. Cara, fiquei muito emocionado com a tua... com a tua mensagem. Me tocou bastante. Saiba querida, que eu tenho muito orgulho de você e tenho muito orgulho de você ter passado, estar passando, ainda, pela minha vida. Né. Você foi uma amiga, uma aluna, uma orientanda... que dá trabalho? Todos... todos orientandos, os amigos, e alunos dão trabalho. Mas você foi uma pessoa muito especial e continua sendo uma pessoa muito especial. Gosto muito de você... gosto muito de você, saiba disso. Não sei se eu tenho três mil anos, não. Mas eu acho que nós todos estamos muitos anos juntos, de vida essa ou pregressa, não sei. Não estudo isso. Mas para conseguirmos fazer o que estamos fazendo: que é um grupo que consegue olhar o outro com carinho, que consegue olhar o outro com ternura, que consegue olhar outro com compreensão. Errei muito, eu sei, tem muitas coisas que eu faria diferente né... iiii quando vejo o olhar de vocês vejo um olhar de compreensão e de amor, é isso que vale da vida. É... minha doença não tá muito boa. Eu não tive muita, nos exames que saíram agora, resposta do tratamento, né... o câncer aumentou... éee masss eu não quero nem saber! Eu vou continuar lutando tô ai brigando e quero viver mais, com vocês, um pouco porque vocês me dão muito estímulo pra viver. Tá bom querida, um beijo muito grande. Tenho muito orgulho de você! Muito! Aquela foto é ... como é que é? da laje... mostrando ... é a coisa mais linda do mundo tá. Beijo. (NAJJAR, Jorge. WhatsApp: [Lucy Teixeira]. 17 mai. 2020.)

Nenhum registro daria conta de todas as experiências que tivemos. Foram dez anos de muito aprendizado, carinho e amor. Jorge Najjar faz parte do que sou hoje. Do que me tornei, não só como pesquisadora, mas como um ser humano melhor. Por isso, sou eternamente grata. Com ele aprendi a ler e escrever. Publiquei meu primeiro capítulo de livro e meu primeiro livro. Aprendi com mais clareza o significado da palavra liderança. Jorge Najjar era, genuinamente, um líder.

O processo seletivo para turma de Mestrado em Educação de 2010, do Programa de pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFF, teve quatro etapas: Avaliação da proposta de pesquisa, realização de prova escrita, de prova de língua estrangeira e exame público de proposta de pesquisa e do Curriculum Vitae. Foi um processo longo. Meu primeiro contato, com Najjar, foi na entrevista do processo seletivo para a turma de 2010. Tenho vaga lembrança desse dia. Mas lembro da formalidade da etapa. Jorge Najjar não me fez nenhuma pergunta. Só observou a sabatina e encerrou a entrevista com a frase mais curta e ecoante daquele momento: “Está bem, boa sorte!”. Foi o que ele falou naquele dia. Depois disso nos encontramos na orientação coletiva.

Jorge Najjar fez uma apresentação sobre como seria a nossa dinâmica de estudo e de encontros semanais. Eu, Adriana Vieira, Rogério dos Santos, recém-aprovados, seus orientandos e Marcelo Mocarzel, que participaria como “ouvinte” fomos apresentados com muito ânimo pelo Najjar. Ele falou um pouco de cada projeto e sobre como poderíamos aproveitar, da melhor forma, o curso. Esse dia me marcou muito. Ele também fez considerações sobre o ingresso ao curso e o nosso

desempenho no processo seletivo. Sobre mim, ele disse: “Você fala muito bem, mas escreve muito mal”. Essa frase me fustigou e me impulsionou de tal maneira que quando ele pedia para eu ler um livro, eu lia dois. Escrevia dez páginas para que ele aproveitasse uma e depois, dez páginas, para que, então, enfim, ele aproveitasse nove. Ele me desafiou de uma maneira muito carinhosa, desde a sua primeira intervenção, no meu processo de aprendizagem. Mas eu confesso que, apesar de ter acreditado nele, eu não conseguia ver o que ele via. Falei isso para ele. Foi aí, a primeira vez, que eu ouvi a expressão “as leituras irão iluminar o seu olhar”. Eu precisaria correr muito atrás para dar conta das exigências do Najjar. Do rigor acadêmico e de produzir, sem perder o que ele demonstrava prezar: criatividade e originalidade. Jorge Najjar falava muito sobre originalidade nas pesquisas.

Adriana Vieira desenvolvia uma pesquisa sobre Burnout e Rogério dos Santos, que desenvolveria uma pesquisa sobre Plano Nacional de Educação, teve problemas gástricos e abandonou o curso. Marcelo Mocarzel tinha interesse em pesquisar sobre a possibilidade de gestão democrática em escolas privadas. Eu desenvolveria uma pesquisa sobre o processo de elaboração de um plano municipal de educação. Marcelo era descontraído e todos os meus “furos” ele contava para o Jorge Najjar que quase morria de tanto rir. Foram eles juntos, sempre entre brincadeiras, que valorizaram minha pesquisa, me ajudaram nas leituras e nos relatórios de pesquisa.

Minha primeira tarefa disciplinada no mestrado foi ler a bibliografia disposta para o processo seletivo no mestrado. Eu precisava saber quem era Shiroma, por exemplo. É, pois é. Eu fiz a prova sem ter lido nenhuma indicação do processo. Marcelo Mocarzel implica comigo até hoje, em dia, por causa disso. Também contei para o Jorge que eu nunca tinha lido nada de Karl Marx, Weber, tampouco Boaventura Sousa Santos. Ele não demonstrou surpresa. E só me orientou a ler muito. Não uma orientação qualquer. Uma orientação acadêmica. Uma orientação com solicitação de fichamentos e resumos sobre as leituras.

No segundo semestre de 2010, já estava bem adiantada na apropriação das leituras e Najjar demonstrava satisfação com meu progresso. Foi nesse segundo semestre que começamos a ter uma relação mais próxima. Mais pessoal, posso dizer. Najjar gostava da minha história. Mestranda, 32 anos, 3 filhos, casada, professora da Educação Básica, Diretora de Sindicato. Nesse segundo semestre, ainda antes do meu exame de projeto, descobri que meu filho, de cinco anos, tinha um tumor cerebral. Jorge Najjar foi imprescindível para que eu não abandonasse o curso. Claro que passou pela minha cabeça. Não abandonei e nem tranquei. Passei pelo processo com apoio do Najjar e de muitos do PPG. Jorge Najjar não aliviou nas exigências. Não deixou que eu caísse num “vitimismo” de circunstâncias. Ao mesmo tempo ele conseguia me animar com suas intervenções pontuais, acadêmicas e sempre, sempre mesmo, muito carinhosas. Um calor humano peculiar. Meu filho operou. Sobreviveu a um tumor de 4cm, depois a uma cirurgia no coração e eu lia Boaventura nos corredores do hospital e nas salas de espera. Não lia sozinha. Jorge Najjar sempre procurava ligar para saber o que eu tinha a dizer sobre as páginas lidas, sobre o quanto eu teria avançado. Ele nunca disse isso. Mas eu sabia que o que ele queria também era me distrair e me incentivar a atravessar o momento sem desistir dos estudos. Agora, tendo visto a experiência dele, na luta contra o câncer, ele demonstrou, mais uma vez, através da própria experiência que ele vivia o que

acreditava. Jorge Najjar continuou lendo, orientando, estudando, coordenando o nosso grupo de pesquisa mesmo estando gravemente enfermo. Mesmo lutando, não pela vida de alguém amado, como foi meu caso, pela própria vida. Ele continuou vivendo porque as leituras, estudo, orientações etc, não eram apenas tarefas. Eram parte da vida. O que ele também amava.

Jorge nunca foi de falar sobre tipo de roupa que vestimos. Mas no meu exame de projeto, em 2011, ele não se conteve. “Lucy, é seu exame de projeto! É um momento solene! Você tá vestida pra ir pra praia!!!”. Eu não estava com roupa de banho. E na minha concepção estava era muito bem vestida. Roupa novinha que comprei só para ocasião. Então percebi que algo errado não estava certo. Não repeti a proeza na minha defesa.

Sob o olhar do Jorge Najjar, fui descobrindo todas as possibilidades de aprendizagem, num ambiente acadêmico, e o curso foi me descobrindo. Meu contato com Jorge Najjar era semanal. Dois, três, às vezes, os cinco dias de cada semana. Eram muitas atividades. Disciplinas eletivas, defesas de dissertações e teses, seminários. Orientação coletiva e individual. Nesses momentos, em cada um desses momentos ele desfiava. Conversava e questionava. Sempre atento as nossas respostas. Não me lembro de ter sido interrompida uma única vez, sequer, por ele. Suas considerações sempre foram dadas após atenta escuta. Eu digo, sempre digo, que dei muito trabalho ao Najjar. De certa forma, acredito que, ele discordava concordando. Foi também a nossa última conversa, agora em 2020 que mais uma vez falamos sobre isso.

No início de 2011, fundamos o grupo de pesquisa que, após algumas ideias, passou a se chamar Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gestão e Políticas Públicas em Educação (NUGEPPE). Eu nem me arrisco a começar a listar aqui ou a colocar em forma cronológica as tantas experiências que tivemos nesses quase dez anos de grupo de pesquisa. Cultura, leitura, debate, política. Ah! Nossas atividades culturais!! Que vontade de contar! Mas essas precisam ser contadas num espaço maior. Literário, talvez. Jorge esteve ao meu lado de maneira transformadora. Quando assumi o cargo de Secretária Municipal de Educação de Rio Bonito, em 2013 ele se preocupou bastante. Conversou comigo sobre a jornada que eu enfrentaria, tendo em vista, que eu também tinha passado nas etapas do processo seletivo do doutorado e tinha sido aprovada. Sua demonstração de apoio às minhas decisões foi ter feito a abertura do ano letivo da rede municipal de ensino, de Rio Bonito, naquele ano de 2013. Marcelo Mocarzel acompanhou e também proferiu palestra.

Iniciei esse texto com saudades de cada momento que minha memória me permite reviver. Mas, ciente de que não conseguiria descrever nem um milésimo delas. É uma singela homenagem bem informal, como era nossa relação. Um pouco de tudo, sabendo que, o tudo também é pouco no todo. Jorge Najjar, meu amigo. Sua companhia sempre foi inspiradora, construtiva e generosa. Obrigada por doar-se com amor e dedicação. “Os bárbaros invadiram a Educação” e você sempre teve orgulho em lidar com eles.

Somos transformados pelo que amamos.
Lucy Rosa S. S. Teixeira de
Jorge Najjar.



Homenagem In Memoriam ao Prof. Dr. Jorge Najjar

Somos transformados pelo que amamos.

Enlutados pelo falecimento do Professor Doutor Jorge Nassim Vieira Najjar, nós, pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gestão e Políticas Públicas em Educação – NUGEPPE/ UFF, com muito pesar, vimos, através desta nota, registrar nossas condolências.

A morte, uma irmã mais velha de todos nós, segurou com firmeza as mãos do nosso eterno Mestre. Levou com ela seu corpo, pois seu espírito vive em toda honra e memória. Seu legado o torna imortal nos nossos corações e em nossas vidas, até porque nós, o NUGEPPE, somos uma parte desse grande legado.

A descontração, produto do carisma e amor com os quais o nosso “Tubarão Branco” nos conduzia, marca nossa peculiaridade enquanto grupo de pesquisa. Essa descontração também ampliou, em grande medida, nossas motivações para cumprir as atividades acadêmicas, com todo rigor e seriedade, que o Jorge Najjar nunca abriu mão. Exigente e carinhoso, pontual e tolerante, democrático em sua natureza como “início, meio e fim”. Seu jeito simples de ensinar cativava cada um que teve a oportunidade de cruzar o seu caminho.

O NUGEPPE, fundado em 2011, pelo Jorge Najjar, hoje pode se despedir da sua presença física e acolher um novo momento, onde nossa autonomia e dedicação darão orgulho ao nosso Mestre. Sua presença será sentida em cada nova publicação, em cada nova aprovação, nos textos debatidos e analisados e em cada evento organizado.

As leituras incentivadas, com veemência, pelo nosso pai intelectual com certeza “iluminaram nosso olhar”, nas reflexões e produções científicas. Mas quem irá discordar que nosso caminho foi iluminado, mesmo, pelo seu exemplo? A sua memória nunca morrerá. Jorge Najjar é imortal.

A saudade do nosso “Grande Tubarão Branco” é enorme, mais o amor que sentimos e a certeza do seu legado é ainda muito maior.

Nosso pesar.

Condolências aos amigos, família, filhos e em especial a querida Rosana Najjar.

À FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Prezado Diretor e demais membros da comunidade acadêmica,

Com pesar, manifestamos nossos sentimentos aos familiares e colegas pelo falecimento do Professor Jorge Najjar, da Faculdade de Educação, da qual ele foi diretor, e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF, do qual foi coordenador.

A Universidade Federal Fluminense se encontra em profunda tristeza pela perda do inestimável professor, que durante anos dedicou seu trabalho à educação pública brasileira, com amor e comprometimento.

Ainda que em luto por sua partida, somos gratos pelo Professor Jorge Najjar ter feito parte da história desta universidade e compartilhado seus dias conosco.

Em nome da Universidade Federal Fluminense, manifestamos nossos pêsames, em especial à família do professor, e nossa profunda gratidão pelos anos de trabalho que ajudaram a construir a Universidade grandiosa como ela é hoje, o que é também fruto da sua dedicação.

Atenciosamente,

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega
Reitor
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

**Nota de pesar pelo falecimento do professor Jorge Nassim Vieira Najjar,
da Faculdade de Educação da UFF**

A diretoria da Aduff-SSind vem a público manifestar seu pesar pelo falecimento de Jorge Nassim Vieira Najjar, professor da Faculdade de Educação da UFF. Solidarizamos-nos com a família, seus amigos e alunos e ex-alunos da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF.

Jorge Najjar dedicou muito dos seus anos à Universidade Pública, laica e gratuita, estando à frente de entidades nacionais de pesquisa, enquanto diretor da Faculdade, coordenador e professor do programa de pós-graduação e da graduação, sempre em diálogo com os movimentos sociais.

Nossos profundos sentimentos.

Jorge Najjar, presente!

Niterói, 20 de agosto de 2020.

Diretoria da Aduff-SSind
Associação dos Docentes da UFF - Seção Sindical do Andes-Sindicato Nacional
Gestão Aduff Autônoma, Democrática e de Luta 2018/2020



Sem açúcar, com afeto, e uma boa conversa

Hoje eu preciso abraçar vocês, amigos-companheiros do Fórum Estadual de Educação do Rio de Janeiro.

Já estamos com uma saudade imensa do tubarão branco que abraçava e falava com firmeza.

Curtia café sem açúcar e uma boa conversa. Animado. Apaixonado por educação. Militante brilhante e cheio de sonhos. Jorge nos deixa uma doce memória de praticidade, carinho, respeito e otimismo. Sou grata por todas as coisas que aprendi ao seu lado e penso que você também está triste como eu estou, então, venho abraçar e dizer que sou feliz por saber que tenho você em minha companhia.

Vamos juntos porque a educação conta conosco na continuidade do processo que outrora iniciamos.

Os tempos são sombrios e nossa união vai assegurar vitórias. Até breve! Até quando a vacina chegar e a pandemia passar! 🙏🌻🙏

Joana Raphael



NOTA DE PESAR

A educação está de luto!

É com grande consternação que o FEERJ lamenta o falecimento do professor Jorge Nassim Vieira Najjar, destacado defensor do direito à educação, em seus diferentes níveis, etapas e modalidades.

Neste momento de dor, o FEERJ manifesta sua solidariedade à família e amigos, ao mesmo tempo que agradece pelo valoroso legado em prol da educação fluminense.

Fórum Estadual de Educação do Rio de Janeiro - FEERJ



Grupo Articulador de Fortalecimento dos Conselhos Escolares

Com consternação, o GAFCE/RJ – Grupo Articulador de Fortalecimento dos Conselhos Escolares do Estado do Rio de Janeiro, vem a público manifestar o mais profundo sentimento de pesar pelo falecimento do nosso querido professor Jorge Nassim Vieira Najjar. Militante ferrenho da causa do fortalecimento da voz dos conselhos escolares.

Nossas condolências a toda a família.

NOTA DE PESAR

O Conselho Municipal de Educação de Niterói lamenta profundamente o falecimento do Professor JORGE NASSIN VIEIRA NAJJAR e expressa votos de pesar a seus familiares.

O Professor Jorge Najjar, Conselheiro neste Colegiado por vários anos, contribuiu sobremaneira com a educação da cidade, em especial, a frente das várias Conferências de Educação, na formação de profissionais e nos debates coletivos, sempre com um olhar colaborativo, ampliado e humano.

Nesta nota, o Conselho Municipal de Educação de Niterói reconhece seu inestimável e incansável trabalho em prol da Educação, com significativo legado para o meio educacional, e se solidariza com a dor dos familiares e amigos.

Niterói, 20 de agosto de 2020

FLÁVIA MONTEIRO DE BARROS ARAUJO
 Presidente do CMEN
 Secretária Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia



UNCME/RJ

UNIÃO NACIONAL DOS CONSELHOS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Nota de falecimento de um amigo

Queridos amigos e amigas, é com grande pesar e tristeza em nossos corações que comunicamos o falecimento do nosso querido amigo professor Jorge Najjar ocorrido no dia de hoje, 20 de agosto de 2020.

Temos certeza de que este grande Mestre cumpriu seu papel como um lutador em prol de uma educação pública, gratuita e de qualidade para todos nós.

A UNCME/RJ enlutada deixa seus sinceros pêsames aos familiares e amigos, na certeza de que “quem partiu encontrou agora a paz eterna, mas não desapareceu para sempre. Pois através de vocês, do seu amor e da sua saudade continuará presente. E um dia voltarão a encontrar-se na eternidade.”

Membros da Diretoria da UNCME/RJ
Conselho Municipal de Educação de Nova Friburgo

NOTA DE PESAR - SEPE NITERÓI

**FALECEU O PROFESSOR JORGE NAJJAR, da Faculdade de Educação da UFF.
Grande perda para a educação pública!**

É com extremo pesar que registramos o falecimento do professor Jorge Najjar (UFF). Jorge foi um dos orientadores da 1ª turma do curso de pós-graduação sobre Educação Brasileira e Movimentos Sindicais, em Convênio do SEPE com a UFF, nos anos 1990.

A Diretoria Estadual do SEPE/RJ se solidariza com os parentes e amigos do professor Jorge Najjar, um lutador das causas mais justas, um amigo e defensor dos movimentos sociais e sindicais. Perdemos um amigo e um militante.

Professor Jorge Najjar, presente!

SEPE- Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro

NOTA DE PESAR: PROF. JORGE NASSIM VIEIRA NAJJAR

Com pesar, informamos o falecimento do professor e amigo Jorge Nassim Vieira Najjar, no dia 19 de agosto de 2020.

A educação perdeu um dos seus grandes entusiasta e defensor da dimensão pública, gratuita, laica e de qualidade social. Sem dúvida, o companheiro fará muita falta pela gentileza e conhecimento que sempre encantou a todos.

Jorge Najjar, presente!

SINPRO RIO
Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região